

Ministério

Adventista

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



ARTIGOS

5 "AMA O PASTOR AS SUAS OVELHAS?"
Basílio Zawadzki

8 REAVIVANDO IGREJAS INATIVAS
Pastor Alberto Ronaldo Timm

17 AVALIAÇÃO MINISTERIAL: BOA? OU MÁ?
Floyd Bress

19 COMO LIDAR COM A DOR DE CABEÇA
Dr. Richard Neil

24 A LINGUAGEM SIMBÓLICA DAS ESCRITURAS
Eunice Becerra

27 APOCALIPSE 4 E 5: A VISÃO DO TRONO
Dr. Albert R. Treiyer

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Urias P. Chagas; **Diagramação:** Vilma B. Piergentile; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere;
Colaboradores: João Wollf, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;
Capa: Byron de Bolt.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

São Paulo Não Trabalhava Por Alvos

São Paulo não trabalhava por alvos, ou para ocupar um lugar privilegiado nas estatísticas denominacionais (Filip. 2:13), *mas trabalhava*. E muito! (Atos 20:31). E por que o fazia? Porque tinha um alvo (Filip. 3:14, p. parte). Aqui está a diferença entre trabalhar atribuindo ao alvo o papel de fim e meio ao mesmo tempo, e a atitude daquele que, tendo uma motivação espiritual transcendente, estabelece para si metas segundo escalões espirituais temporais, na experiência de preparar um povo que espelhe a imagem de Cristo, quando Ele vier.

O fato de ter Paulo a Cristo como o grande alvo de sua vida, deve levar-nos a olhar para além daquele servo de Deus, no intento de projetar nossa visão nas linhas da santa perspectiva de Jesus. E, nesse ponto, nossa mente se abre diante de novos horizontes. Para consegui-lo, façamos primeiro um breve resumo de atividades, relacionadas com o comentário de nosso editorial que, ao lermos as Escrituras, dir-se-ia terem seguido a Cristo em Seu ministério, para depois projetá-las no homem a quem Ele servira de modelo: São Paulo.

Quanto a Jesus, tudo parece ter começado com uma motivação apropriada: “Pois que com amor eterno te amei, também com amorável benignidade te atraí” (Jer. 31:3). O evangelho segundo São João, no capítulo 13, revela-nos que essa motivação O acompanhou até o fim do Seu ministério terrestre, pois nos diz ali que: “Como havia amado os Seus, que estavam no mundo, amou-os até ao fim”. É interessante notarmos que essa motivação gerou no coração do Senhor certos (por assim dizer) objetivos gerais (Ezeq. 18:31 e 32), que expressam um plano de salvação do ser humano. Outro aspecto que parece surgir da maneira de agir do Senhor, é que Ele estabeleceu objetivos bem definidos, os quais provinham de Seu objetivo geral de salvar. Por exemplo, São João 3:16 nos diz que o Senhor Se propunha salvar a todos e que realizaria isto com base em um princípio fundamental: a fé em Seu sacrifício vicário. É-nos dito no sermão profético que viria buscar, por ocasião de Sua segunda vinda, aqueles que compraria com o Seu sangue.

Diríamos, retornando ao nosso vocabulário atual, que as Sagradas Escrituras indicam ter Jesus traçado um programa de ação para atingir Seus alvos e objetivos: “Porque o Filho do homem veio buscar

e salvar o que se havia perdido" (S. Luc. 19:10). E tudo isto, de acordo com um verdadeiro cronograma: "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos" (Gál. 4:4 e 5).

Diante disso, acho que todos aqueles que ouvimos o chamado de Deus para o santo ministério, devemos sentir o desejo de vivê-lo à semelhança do apóstolo São Paulo, com os olhos fixos em Jesus. Por esse motivo, deveríamos renovar nossa motivação verdadeira, vendo as multidões como o Senhor Jesus as viu: "Teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes, como ovelhas que não têm pastor" (S. Mat. 9:36). Em Paulo, essa motivação se traduz em palavras metafóricas patéticas, ao descrever os crentes da Galácia. Disse-lhes: "Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós" (Gál. 4:19). Esse sentimento deveria manifestar-se em nós, mediante uma genuína paixão pelas almas.

Essa motivação deveria levar-nos a ter objetivos gerais, como o de S. Mat. 24:14; e objetivos tão específicos como a proclamação da tríplice mensagem angélica (Apoc. 14:6-12). Essas metas gerarão alvos honestos, semelhantes aos que teve Jesus ao declarar: "Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis Meus discípulos" (S. João 15:8).

Ao procurarmos tornar objetivos estes princípios e a dar-lhes funcionalidade objetiva, chegaremos à conclusão que, quando nossos irmãos, com espírito de oração, elaboraram as bases do projeto COLHEITA 90, viabilizaram caminhos para que pudéssemos expressar essas motivações e objetivos cristãos. Oremos para que, guiados e fortalecidos pelo Espírito Santo, façamos a vontade do Senhor Jesus nestes últimos seis meses do nosso projeto COLHEITA 90.

Daniel Belvedere

“Ama o Pastor a Suas Ovelhas?”

Inspirado no que um pastor de ovelhas fazia, ao levar suas ovelhas para as pastagens, o autor produziu este artigo, estabelecendo um paralelo entre o que ocorre na vida material e o que se passa na vida espiritual.

Viajávamos por tortuosa estrada de terra, em plena cordilheira dos Andes do Sul argentino. Éramos três obreiros que íamos atender ao chamado macedônico de um pequeno povoado encravado bem no coração dos Andes. Enquanto avançávamos lentamente, evitando os constantes perigos, observamos de um lado do caminho um pequeno rebanho de ovelhas que, com dificuldade, deslocava-se por entre os perigos, penhascos e rochas muito mais elevados do que o tamanho de seus corpos.

Como se não bastasse, um rapaz curtido pela aridez do clima ia atrás delas, saltando de rocha em rocha e, com violência, atirando-lhes pedras. As mais fracas, que seguiam atrás por não conseguirem acompanhar as outras, eram as mais castigadas. Notamos como as pobres criaturas procuravam ficar o mais longe possível do seu pastor. Como que por contraste, começamos a cantar: “Ama o Pastor a Suas Ovelhas...”

Mesmo os seres irracionais sabem distinguir as ondas do amor emitidas por aqueles que deles cuidam.

Na verdade, desde o alvorecer da cristandade, a parábola do Bom Pastor a tem fascinado.

Nas catacumbas de Roma pode-se observar a figura, gasta pelo tempo, de um pastor levando aos ombros uma ovelha impossibilitada de andar, vertendo nessa enferma seu amor pastoral. É que o amor se propaga por ondas que até os seres irracionais conseguem perceber.

A Responsabilidade do Pastor

Cabe ao pastor dedicado a sagrada responsabilidade de apascentar suas ovelhas, prover-lhes os melhores pastos, abeberá-las nas fontes de águas, na medida do possível, livres de contaminação.

Por vezes o pastor se acha tão preocupado com o crescimento numérico de seu rebanho, que se esquece do desenvolvimento espiritual deste. Deixam de atender aquelas ovelhas que conduzem na lã os abrolhos que dela pendem.

“Ama o pastor a suas ovelhas”. Quanto envolve amar as ovelhas? perguntamos. Ama-as a todas igualmente? Se não, a qual ou a quais delas ama? Há ovelhas que produzem muita lã, enquanto outras são fracas ou enfermas.

Numa exposição, exibiam-se os melhores espécimes de gado lanígero. Foram separados os candidatos a campeões. Mediam-lhes o comprimento da fibra, analisavam a qualidade desta, como também o peso total da lã que se pode conseguir em uma tosquia. Como era natural,

Basílio Zawadzki
Secretário-Tesoureiro da
Missão Paraguaia

quanto melhor o resultado, tanto melhor a coação do exemplar inspecionado. Imediatamente, surge a pergunta: Onde está o interesse, na ovelha ou na lã que esta produz? Em outras palavras, onde está o ponto focal do amor?

Em um rebanho, há uma grande variedade de situações entre as ovelhas. Há a escorraçada, a fraca, a arisca, a de perna quebrada, a cheia de carrapicho por ter andado desgarrada do redil; há também a que não dá trabalho ao seu pastor, a submissa, a obediente, etc.

O pastor diligente será bastante sábio para apascentar um rebanho heterogêneo. Saberá descobrir a afugentada; aquela que evita participar de seu plano de ação. Que procura mimetizar-se entre os elementos que se encontram ao redor. Talvez seja esta a que necessite de maior cuidado. Com paciência — dom que o pastor deve possuir — se conseguirá fazer com que essa ovelha se “integre” por completo à grei.

Como tratar a ovelha fraca, que praticamente não produz lã, mas cujo aspecto denota que “alguma coisa não vai bem”? O pastor sensível fará todo empenho para descobrir a causa de seu estado. Uma vez conseguido o diagnóstico, procurará erradicar o mal, provendo-lhe uma ração adicional de alimento enriquecido. Esse fato não passará despercebido ao restante do rebanho.

Em quem deve estar centralizado o interesse do pastor, na ovelha ou na lã que esta produz? Certamente na ovelha.

Difícilmente a ovelha de perna quebrada procura manter-se no meio do rebanho. Não pode avançar como as companheiras que estão à frente. Com dificuldade consegue permanecer integrada. Essa ovelha experimenta uma situação de sensibilidade muito especial. Quanta responsabilidade tem o pastor de aplicar-lhe um bálsamo curativo! Quantas vezes ouvimos dizer: “Meu pastor não me ama!” “Faz mais de um mês que não vou à igreja e meu pastor não notou isto!” Ou este outro caso: “Estive três semanas internado no hospital e meu pastor não me visitou, ou sequer se informou disto. É cla-

ro que ele não me ama”. Se isto está acontecendo, quanto não deveria o pastor esforçar-se para recuperar a confiança ou parte dela!

O Amor é Transmissível

E quando fazia um curso de prática administrativa em um grande hospital adventista dos Estados Unidos, observei a chegada de um pastor evangélico, num domingo à tarde. Perguntou na recepção quantos membros de sua igreja estavam internados naquele centro assistencial. Consultou-se o computador, e este revelou um número tão grande que não cabia dentro da tela.

O pastor achou que eram muitos os pacientes. Perguntou então quantos tinham mais de 60 anos de idade; embora o número fosse bem menor, ainda continuava grande. Quis saber quantos tinham mais de 70 anos. Anotou-lhes o nome e respectivos endereços e foi visitá-los.

E os outros, não são ovelhas, por acaso? Será que não havia jovens com problemas mais urgentes do que muitos daqueles idosos? Seu nome, contudo, não foi anotado para que eles fossem visitados. Não é de estranhar, portanto, que as igrejas evangélicas tradicionais estejam perdendo membros. É que o amor é transmissível e a pessoa a quem ele é manifestado o sente. Não é preciso muita erudição para entendê-lo. Pastores há que têm semeado amor em suas igrejas e o ambiente ficou, por anos, impregnado dessa fragrância. O rebanho lamentou sua partida e não o esquecerá.

A ovelha arisca ergue a cabeça a cada movimento do pastor e fica em guarda, pronta a empreender um rápido afastamento; talvez por ter recebido alguma pedrada do seu pastor — às vezes dirigida do púlpito — a qual lhe fere a sensibilidade. É muito difícil conseguir a completa reparação do dano causado, e fazer com que ela readquira por si mesma a confiança perdida.

Muitas vezes essa ovelha arisca exerce influência sobre outras, levando-as a agir da mesma maneira que ela; semeia nas demais a suspeita e a desconfiança contra o pastor. Tem alguma coisa em que se apegar: recebeu alguma ofensa, que considera injusta.

Temos também a ovelha cheia de carrapicho. Este faz parte do seu viver diário. Já se acostu-

mou com eles. Não obstante, gostaria de livrar-se deles — uma carga incômoda, que por vezes chega a ferir-lhe a pele.

No auditório pode haver ovelhas ariscas. É bom cuidar para não afugentá-las por meio de palavras que possam feri-las.

O pastor complacente saberá mostrar tato suficiente para que tais espinhos sejam removidos sem que a pele dessa ovelha seja ferida. Usará de especial cortesia, a fim de que a ovelha que conduz essa carga inútil não seja machucada ainda mais. Recuperará sua lã para abrigo da ovelha e para seu próprio sustento.

Ovelhas e Redil

Há ovelhas que por várias gerações estão no redil. Fazem mais alarde de sua árvore genealógica do que do seu conhecimento dos princípios que regem a convivência mútua. Muitas vezes não são ovelhas dóceis, pois pretendem dirigir o pastor na condução do rebanho. São, talvez, as que mais horas de insônia trazem ao pastor. O pastor sábio usará o tino necessário em tão delicadas circunstâncias, e fará com que o rebanho completo nele confie e lhe atenda a voz.

Em um grande rebanho, são freqüentemente encontradas ovelhas jovens, provenientes de rebanhos pequenos, que se juntam àquele por circunstâncias passageiras. Essas ovelhinhas solitárias são descobertas muitas vezes várias semanas depois de estarem freqüentando o redil. Passam despercebidas. Desejam relacionar-se com as outras ovelhas e mesmo com o pastor, mas suas pretensões não encontram eco. De soslaio, o pastor lhes notou a presença, mas não tomou tempo para identificá-las, para oferecer-lhes orientação e apoio. Essas ternas ovelhinhas, que deixaram o redil em busca de novos caminhos, precisam do amparo e do refúgio do grande rebanho que parece sentir-se seguro.

Quantas vezes nossos jovens se mudam de uma cidade grande a fim de estudar numa uni-

versidade e ali se acham sozinhos, tendo que enfrentar o mundo! Para alguns pastores esses jovens são “aves de arrição” e eles não dispõem de tempo para lhes dedicar. Esses moços e moças têm que enfrentar um ambiente hostil a sua filosofia religiosa. São acoçados por colegas e professores que querem minar-lhes a fé. Grandes são os conflitos que precisam resolver. Vêm-se mergulhados em profunda solidão. Consideram-se abandonados. Não é de estranhar que, ao terminarem o curso, muitos dêem trabalho ao pastor.

O pastor atento procurará apoiar espiritualmente esses jovens assim que os descubra em sua igreja; e terá como auxiliares homens e mulheres valiosos. Jamais essas pessoas esquecerão o pastor que, pelo menos, colocou a mão sobre seu ombro e lhes deu apoio moral.

Poderíamos mencionar ovelhas procedentes de um sistema pastoril diferente, que ignoravam a existência de outros prados possuidores de alimento mais nutritivo. O pastor prudente saberá usar o devido tato, em tais circunstâncias. Se começar a desfazer daqueles prados, a satirizar aqueles sistemas e a atacar grosseiramente os seus guias espirituais, acabará afugentando essas ovelhas, nelas despertando um sentimento de aversão e inimizade.

O bom pastor — aquele que de todo coração ama o seu rebanho — procurará gerar confiança. O rebanho o verá com a vara na mão, mas não fugirá com medo dela; antes a vara lhes trará ânimo, pois o pastor a usará para afugentar o lobo e o leão, seus inimigos. Aonde for, o rebanho o seguirá, pois está certo de que ele o conduzirá a pastos verdejantes e águas tranquilas. Com alegria lhe dará o rebanho a lã; do contrário, a perda nos espinhos e arames do pecado e o Senhor pedirá conta ao pastor, dessa lã perdida.

Caros pastores: “Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória” (I Ped. 5:2-4).

Reavivando Igrejas Inativas

O autor analisa o êxito alcançado pelo Pastor José Barbosa Lima Filho na Missão Nordeste-Brasileira, ao pôr em prática instruções e métodos recomendados pelo Espírito de Profecia para a conquista de almas.

Apenas igrejas dinâmicas podem enfrentar os desafios provocados pelas mudanças sociais do mundo. Se de fato não existe vida sem crescimento, então uma “igreja deve ser ativa, se quiser ser uma igreja viva”. (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 84). De que forma, porém, pode uma igreja inativa tornar-se ativa?

Especialistas em administração concordam em que um dos melhores investimentos é o que se faz no elemento humano. Em administração de igreja, as coisas não são muito diferentes. Ellen G. White declara: “O que agora se necessita para a edificação de nossas igrejas é do aprazível trabalho de obreiros sábios para discernir e desenvolver talentos na igreja — talentos que possam ser preparados para o uso do Mestre. Devia existir um plano bem organizado para o emprego de obreiros que fossem a todas as nossas igrejas, grandes ou pequenas, para instruir os membros como trabalhar *para a edificação da igreja*, e também *a favor dos incrédulos*. Instrução e educação é que são necessárias.” — *Idem*, pág. 58 (grifos acrescentados).

O principal objetivo deste artigo é apresentar alguns princípios para o crescimento saudável de nossas igrejas, com base na experiência de um pastor que decidiu aplicar os conselhos de Ellen G. White no seu distrito. Embora nem todos os detalhes metodológicos possam ser aplicados com sucesso em todas as igrejas, os princípios envolvidos podem ser úteis em qualquer lugar.

Preparando os líderes da igreja local

Apreensivo com o baixo número de pessoas batizadas cada ano, e com o fato de que aproximadamente 3 em cada 4 delas deixavam a igreja em pouco tempo, no distrito de Belo Jardim (Missão Nordeste-Brasileira), o Pastor José Barbosa de Lima Filho decidiu mudar a situação. Com base no programa integrado da Missão, para as igrejas, ele desenvolveu sua própria estratégia de trabalho. Havendo escolhido 3 anciãos da igreja sede do distrito, ele os instruiu 6 meses em um programa especial de liderança, conhecido como multiplicação espiritual. O treinamento consistia em uma reunião semanal de 30 minutos, seguida por uma hora de trabalho prático na cidade, empregando as técnicas de discipulado aprendidas no curso.

Após os dois primeiros meses, cada um dos três anciãos deveria escolher outros três membros, para orientá-los da mesma forma que o pastor fizera. Após outros dois meses, cada um dos últimos deveria por sua vez escolher outros três membros, de modo que o processo de discipulado pudesse repetir-se. Uma corrente de pessoas treinadas foi, dessa forma, desenvolvida, na qual cada pessoa envolvida deveria treinar pelo menos outras três.

Pastor Alberto Ronaldo Timm
Ex-diretor do Centro de Pesquisas
Ellen G. White do Brasil

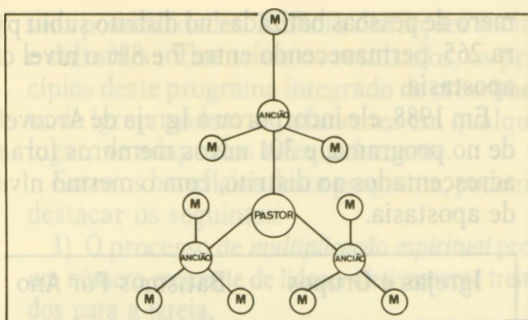


Fig. 1. Programa de treinamento de líderes denominado multiplicação espiritual.

Ao término de seis meses, quando os primeiros três anciãos haviam sido treinados, o pastor iniciou três classes diferentes na igreja, a serem por eles dirigidas. As classes pré-batistal e pós-batistal eram realizadas ao mesmo tempo da Escola Sabatina, mas em salas diferentes. Os participantes da classe pós-batistal freqüentavam também uma classe de capacitação missionária no sábado à tarde.

Preparando a igreja para o programa

Ciente do fato de que nenhum projeto pode ser bem-sucedido sem o envolvimento total da igreja, o Pastor Barbosa organizou os membros para uma participação ativa no programa. Usando a Escola Sabatina como um meio para alcançar seus objetivos, ele organizou as classes por áreas geográficas, com não mais de 12 membros, incluindo dois professores, um diácono e uma diaconisa, e tendo um ancião como coordenador para cada três classes.

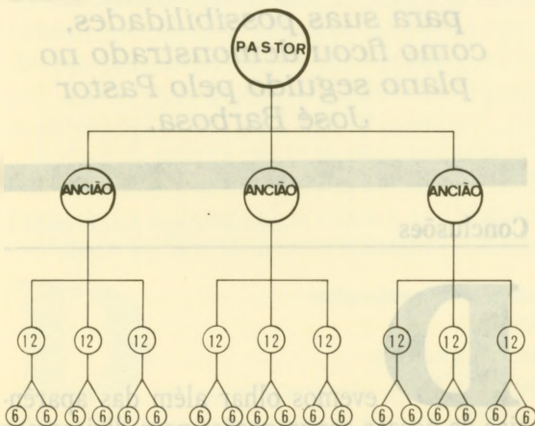


Fig. 2. Organização da Escola Sabatina para o programa

Para participar do trabalho externo da igreja, cada classe da Escola Sabatina foi dividida em dois grupos de seis membros. Ambos os grupos realizavam, cada segunda-feira à noite, uma reunião na casa do seu respectivo professor. Cada membro tinha a responsabilidade de trabalhar com uma pessoa não-adventista, trazendo-a tanto para o grupo familiar como para a classe pré-batistal. Cada membro individualmente se tornava o tutor espiritual da pessoa pela qual estava trabalhando.

Os grupos familiares desenvolviam três áreas: doutrinária, devocional e testemunhal. Isto servia não apenas para evangelizar os não-adventistas, como também para fortalecer e unir os próprios membros.

Nenhum projeto pode obter êxito se não houver envolvimento completo da igreja. Todos os departamentos devem tomar parte.

As terças e quintas-feiras alguns grupos, sempre que possível, reuniam-se alternadamente na casa de membros e interessados, para oração e comunhão. Conhecidos como "Amigos Buscando o Espírito Santo", os grupos usavam os Seminários do Apocalipse como base para seu estudo da Bíblia. Como essas reuniões duravam apenas 30 minutos, um forte senso de urgência e de importância era sentido.

Desenvolvendo o processo

A função das classes da Escola Sabatina no programa era trazer pessoas não-adventistas para a classe pré-batistal, que, por sua vez, os ajudava a alcançar um genuíno relacionamento com Cristo e a compreender nossas doutrinas fundamentais. Após serem batizados, os novos membros passavam a freqüentar simultaneamente as classes pós-batistal e de capacitação missionária.

Na classe de capacitação missionária, os novos membros aprendiam a compartilhar sua fé com outros. Na classe pós-batistal, eles estudavam as doutrinas mais profundas, a organização e a estrutura da igreja, incluindo os cargos da igreja local, como descritos no *Manual da Igreja*.

Os novos membros eram também os guias espirituais das pessoas que passavam a frequentar a classe pré-batistal, visitando-os durante a semana, encorajando-os a continuar frequentando.

Ao término do seu estudo de liderança da igreja, cada membro da classe pós-batistal foi eleito como aprendiz de um cargo da igreja. Esses líderes-assistentes serviam durante seis meses, e o resultado foi o treinamento de futuros líderes para a igreja.

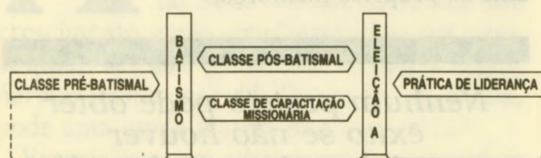


Fig. 3. Programa de um ano para o preparo, integração e treinamento de novos membros.

Embora cada uma das classes tivesse a duração de apenas três meses, elas continuamente recebiam novos participantes. O excessivo aumento do número de membros das classes tornou necessário o estabelecimento de classes adicionais, lideradas por outras pessoas treinadas pelo programa de multiplicação espiritual.

Estendendo o programa a outras igrejas

Em 1985, o distrito de Belo Jardim possuía cerca de 1.000 membros, e batizou apenas 37 pessoas, 70% das quais deixou a igreja em um curto espaço de tempo.

A situação mudou, porém, com o novo programa de treinamento integrado. No seguinte, das 162 pessoas batizadas, apenas 7% apostataram.

Impressionado com os resultados alcançados na Igreja Central de Belo Jardim, o Pastor Barbosa aplicou o mesmo programa em outras igrejas do seu distrito. Com o envolvimento da Igreja de Pitanga no programa em 1987, o nú-

mero de pessoas batizadas no distrito subiu para 265, permanecendo entre 7 e 8% o nível de apostasia.

Em 1988, ele incorporou a Igreja de Arcoverde no programa, e 301 novos membros foram acrescentados ao distrito, com o mesmo nível de apostasia.

Igrejas e Grupos	Batismos Por Ano			
	1985	1986	1987	1988
B. Jardim (central)	5	100	60	60
Pitanga	-	4	107	67
Arcoverde	9	22	22	100
Pesqueira	12	18	45	36
Divisão	1	2	2	1
COHAB B. Jardim	-	16	29	4
Sanharó	10	-	-	33
TOTAL DO DISTRITO	37	162	265	301
ÍNDICE DE APOSTASIA	70%	7%	8%	7%

Fig. 4. Número de batismos durante o período de 1988, no distrito de Belo Jardim, com os respectivos índices de apostasia. As áreas sombreadas indicam os anos nos quais determinadas igrejas foram envolvidas no programa.

O programa do Pastor Barbosa não era original em todos os aspectos; pois alguns deles eram realçados pela liderança da Missão local. Entretanto, a maneira como ele incorporou, adaptou e acrescentou novos elementos foi realmente inovadora.

Este novo programa provou sua eficácia em levar novos convertidos ao Senhor e em integrá-los ao corpo da igreja.

A aparência da congregação não deve ser tomada como base para suas possibilidades, como ficou demonstrado no plano seguido pelo Pastor José Barbosa.

Conclusões

Devemos olhar além das aparências de nossas congregações para divisarmos

suas possibilidades. Embora distinções sociais e culturais influenciem os resultados, os princípios deste programa integrado de crescimento de igreja podem ser eficientes em qualquer lugar, se adaptados adequadamente.

Entre os benefícios deste programa, podemos destacar os seguintes:

1) O processo de *multiplicação espiritual* provê um número crescente de líderes efetivamente treinados para a igreja.

2) As classes *pré-batismais* realizadas no horário da Escola Sabatina dão aos membros a oportunidade de trazerem pessoas não-adventistas para um estudo apropriado da Bíblia.

3) A organização das classes da Escola Sabatina em *pequenos grupos ativos* não apenas está em con-

formidade com o propósito de Deus (ver *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 84), mas é também uma maneira fácil de envolver toda a igreja no programa.

4) O programa *pós-batismal* provê não apenas a integração dos novos membros na igreja, mas uma liderança adicional, necessária para um crescimento da igreja.

5) E o *programa como um todo* pode transformar igrejas inativas em ativas, resolvendo muitas frustrações pastorais para alcançar os alvos de batismo e diminuir o índice de apostasia.

A Mordomia do Poder

Está você usando o poder que Deus lhe deu da maneira em que Ele o usa, ou de conformidade com o mundo?

Poder! Que significa isto? E o que há em torno dele que leva as pessoas a fazerem quase qualquer coisa para possuí-lo?

O sociólogo do século dezanove, Max Weber, definiu poder como “a oportunidade que tem um homem ou um grupo de homens de executar sua própria vontade numa ação social, mesmo contra a resistência de outros que estão participando da ação.”¹ Em outras palavras, poder é “a habilidade de um indivíduo ou grupo, no sentido de levar a efeito seus intentos ou planos, e controlar, manipular ou influenciar a conduta dos outros, quer estes desejem ou não cooperar.”²

Baseado nessa compreensão de poder, Lord Acton declarou que “o poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe inteiramente.”

São estas coisas verdadeiras somente no mundo? Ou atingem também a igreja? Harvey Cox declara: “Muito se tem falado na maioria das igrejas a respeito da mordomia do dinheiro, e muito pouco sobre a mordomia do poder.”³ E creio que ele está certo.

A mordomia do poder não tem sido muito salientada nas igrejas, embora seja um assunto tão importante. Ela perde para muitos outros temas com os quais o poder está ligado.

Até o momento não ouvi um único sermão sobre o poder e seu uso correto, nem li um artigo de autor cristão sobre a mordomia do po-

der. Já ouvi muitos sermões sobre o dinheiro e como este deve ser usado; já li muito artigo sobre o *poder* do evangelho, o *poder* do Espírito Santo, o *poder* da igreja; nenhum, porém, sobre a mordomia do próprio poder.

Todos temos poder — poder social; se por poder social entendemos “a capacidade de controlar o comportamento de outros, direta ou indiretamente.”⁴ Mesmo um bebezinho exerce algum controle sobre outros.

Dois tipos de poder

Há duas espécies de poder no mundo hoje: O poder que opera por interesse, e o poder que opera de maneira altruísta. Por vezes, cada uma delas tem feito pender a balança do mundo. Quando o poder egoísta ocupou o trono, o mundo foi atirado no caos. Pensemos na Inquisição espanhola e em Adolfo Hitler. Quando o poder altruísta comandou, o curso da história foi alterado. Pensemos e William Wilberforce, Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr.

A forma predominante de poder revelada pelo mundo hoje — entre governos, nos políticos nacionais e locais, nos conflitos raciais, muitas vezes até na igreja, e em alguns lares — é a espécie de poder manipulador, coercivo, egoísta que procura impor sua vontade, como disse Weber, “mesmo contra a resistência dos outros”. Tal manifestação de poder emana de Satanás. Essa espécie de poder é tão dominante na sociedade que a maioria das pessoas a tem aceito como a maneira normal de realizar negócios.

Dr. Caleb Rosado
Diretor de Recursos Humanos
da Associação dos ASD da
Região do Lago

Os cristãos — que se presume tenham “morrido para o eu”, que estão “crucificados com Cristo”, que devem colocar os outros em primeiro lugar, que como seu Senhor e Mestre devem servir e não ser servidos — encontram-se muitas vezes recorrendo a usos repulsivos, egoístas, do poder, na tentativa de alcançar seus próprios objetivos.

Das duas espécies de poder que operam no mundo, mesmo os cristãos têm optado pela forma egoísta, até quando lidam com seus irmãos.

Com espanto, o mundo e os cristãos simpatizantes param e exclamam: “Então são estes os ‘redimidos’? Perguntam de que foram eles redimidos. Foram redimidos do amor ao dinheiro? Redimidos do orgulho de classes e étnico? Redimidos da intolerância racial? Do obsessivo desejo de comando? Do desejo de seguir seu próprio caminho e impor sua vontade aos outros? Se não, por que se intitulam eles de redimidos?”

Procedente da parábola do trigo e do joio vem uma pergunta ainda mais penetrante: “Não semeou o pai de família boa semente em seu campo? Por que tem então joio?”

É na igreja — onde a boa semente do evangelho é lançada com mais frequência — que podemos esperar que o diabo opere com maior empenho. O inimigo deseja trazer vergonha ao nome de Cristo; por esse motivo, concentra-se na igreja. Muitos capítulos melancólicos da história da igreja testificam de seus sucessos. Muitas reuniões de negócios da igreja local se transformam em pátio de diversão de Satanás ainda hoje, quando irmãos e irmãs lutam para impor sua vontade a outros. Este é o problema desconcertante do poder entre o povo de Deus.

Como Deus usa o poder

Deus não age dessa maneira. Ele não utiliza a força. Não impõe Sua vontade se

resistimos. Não viola nossa livre escolha moral. Aqui está a diferença, e temos aqui a verdadeira definição de poder. De acordo com a perspectiva divina, *poder é a faculdade de influenciar o comportamento dos outros sem violar o livre arbítrio*. Como Deus realiza isto? Por meio do amor. Ele opera por amor. Por isso, do ponto de vista divino, *amor é poder*. Ellen G. White escreve: “O amor é poder. Neste princípio acha-se envolvida força intelectual e moral, e dele não se podem separar. O poder da riqueza tem a tendência de corromper e destruir; o poder da força é potente para causar dano; a excelência e o valor do amor puro, porém, consistem em sua eficiência para fazer bem, e nada senão bem. Tudo quanto é feito por puro amor, por mais pequenino ou desprezível que seja aos olhos dos homens, é inteiramente frutífero; pois Deus olha mais a quanto do amor alguém põe no que faz, do que na quantidade que realiza. O amor é de Deus. O coração não convertido é incapaz de originar ou produzir esta planta de procedência celeste, que só vive e floresce onde Cristo reina.”⁵

O amor, ou a melhor forma de compaixão expressa, é uma mercadoria rara no mundo hoje em dia, pois só pode ser gerada por Deus. A compaixão é uma qualidade do caráter divino, que só pode vir de Deus e não do coração humano. É planta divina de origem celestial, e sua fonte é o Céu, não a Terra. Quando quer que é manifestada pelos seres humanos, é porque Deus constrangeu os corações, declarem-se ou não eles ser filhos de Deus. Podem eles ser ateus, agnósticos, indiferentes do ponto de vista espiritual, ou comunistas; se revelaram compaixão para com os outros, é porque Deus esteve operando no íntimo. Dessa maneira, Deus está presente em cada ato dessa pessoa, ainda que o indivíduo O não reconheça como Deus. Esta é a mensagem de III João 11: “Não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus, aquele que pratica o mal jamais viu a Deus.” Este texto não julga as pessoas pelas suas crenças, mas pelo seu comportamento — seus atos. Nada se diz com respeito a suas crenças. É o procedimento das pessoas que determina se elas são de Deus, não o que elas crêem. Em outras palavras, a maneira em que usam o poder que lhes foi confiado. E no juízo final, quando Deus separar as ovelhas dos bodes, é o comportamento que irá determinar o destino. É precisamente isto que diz

Ellen White: "Quando as nações forem reunidas diante dEle, não haverá senão duas classes, e seu destino eterno será determinado pelo que elas fizeram ou deixaram de fazer em Seu favor na pessoa do pobre e do sofredor."⁶

É o procedimento das pessoas que determina se elas são de Deus, não o que elas crêm.

Aquilo que os poderosos fazem em favor dos desvalidos, determina o destino. O maior poder do Universo é o poder de uma vida abnegada. "Nenhuma outra influência que possa circundar a alma humana tem tanto poder como a influência de uma vida destituída de egoísmo."⁷ Foi esta a espécie de poder, da bondade que Jesus revelou, e a bondade que expressa o verdadeiro caráter de Deus.

Aquilo que podemos ver na cruz, na pessoa do Deus-Homem Jesus Cristo de Nazaré, pendurado entre o Céu e a Terra, é o poder natural do divino amor. Do ponto de vista humano isto é impotência. "Salvou os outros, a Si mesmo não pode salvar-Se. É rei de Israel! desça da cruz, e creremos nEle. Confiou em Deus; pois venha livrá-Lo agora, se de fato Lhe quer bem." (Mat. 27:42 e 43). Da perspectiva divina, porém, é o mais poderoso ato que Deus já praticou, e o mundo não foi mais o mesmo desde então. Em I Coríntios 1:21-25, o apóstolo Paulo contrasta estas duas perspectivas: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não O conheceu por sua própria sabedoria, aprovou a Deus salvar aos que crêm, pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios..."

Por que foi a crucificação de Cristo escândalo para os judeus e loucura para os gentios? Porque os judeus, um povo desvalido e sujeito, desejavam um Messias que pudesse enfrentar com espada a espada romana, e não com preceitos sobre amar os próprios inimigos. E os gentios, que exerciam poder sobre os judeus, viam em tais métodos de salvação apenas gesto de loucura de camponeses desvalidos.

"Mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de

Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens."

Deus toma o amor, que o mundo considera como fraqueza, e o torna a mais poderosa força do mundo. Isto é poder! Em Efésios 4:31-5:2, Paulo escreve de novo: "Longe de vós toda a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda a malícia. Antes sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou. Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave."

Temos aqui dois tipos de poder existentes no mundo hoje — o poder que opera pela força e o poder que opera por amor. Um se origina com Satanás, o outro com Cristo. Qual deles manifestamos nós como pastores?

Dois maneiras de agir, um servo

Quem é, pois, o servo fiel e prudente a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se, e passar a espancar os seus companheiros, e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera, e em hora que não sabe, e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mat. 24:45-51).

É confiado ao servo desta parábola uma responsabilidade, a administração do poder. Jesus ilustrou dois tipos de poder nesta parábola — o poder egoísta e o poder abnegado — e descreveu aqueles que exerciam poder como sendo fiéis e infiéis. Não existem dois servos na parábola, mas dois comportamentos. Jesus está descrevendo os dois tipos de comportamento, duas maneiras possíveis em que Seus seguidores podem usar o poder enquanto aguardam Sua vinda. Eles podem usá-lo abnegadamente,

motivados pelo amor, dedicando-se às necessidades dos outros. Da maneira que Deus usa o poder. Dessa maneira, eles podem influenciar o comportamento dos outros sem violar o livre arbítrio.

*Ao servo da parábola,
incumbido de dar o sustento a
seu tempo aos conservos,
foi confiada a responsabilidade
de administrar o poder.*

Ou podem usar o poder de maneira egoísta e, como diz Weber, “realizar sua própria vontade... mesmo contra a resistência de outros”. O centro deste comportamento não está nos outros, mas no eu; não no amor, mas na ambição.

Quando ensinamos a doutrina da mordomia cristã, precisamos focalizar mais do que o dinheiro. Precisamos ensinar princípios relacionados com o uso apropriado do poder na igreja. Isto inclui o manejo do poder em casa, bem como em nossas instituições. A parábola não diz nada sobre dinheiro. Mas tudo nela trata da mordomia do poder! Essa mordomia do poder deve em primeiro lugar ser exemplificada em nossas próprias atitudes e atos como pastores, pois somos o servo da parábola e devemos decidir como usaremos o poder a nós confiados.

Notai também que os diferentes comportamentos estão relacionados com as diferentes atitudes para com a vinda do Mestre. Quando o servo está manifestando um comportamento semelhante ao de Cristo, de serviço abnegado, não acha que a vinda de seu senhor demora. Quando, porém, acha que o seu senhor demora, seu comportamento muda para se ajustar a sua crença. Eis um caso no qual crença e comportamento se ajustam.

O retorno ao serviçalismo

Jesus diz a Seus seguidores que devem servir aos outros em lugar de servir a si mesmos. “Nem sereis chamados guias, porque um só é o vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será vosso servo” (Mat. 23:10 e 11). Es-

se conceito de o maior ser o servo, o primeiro ser o derradeiro, de que devemos servir e não ser servidos, é repetido várias vezes nos evangelhos, o que mostra que Jesus “questionava radicalmente os relacionamentos sociais e religiosos hierárquico e patriarcal”.⁸

No mundo, os administradores podem mandar em seus subalternos e uns nos outros, “mas não é assim entre vós” (Mat. 20:26). “Não deveis colocar-vos em primeiro lugar, mas aos outros.” Como os discípulos, não temos a mais remota idéia do que significa tudo isto. Tomamos esta mensagem sétupla de o primeiro ser o último e a acrescentamos a nossas estruturas hierárquicas, baseados em um conceito patriarcal de Deus, e o resultado é que a igreja estabelece líderes como senhores e príncipes, e depois batiza esta autoridade chamando-a de “serviço”.⁹

Aquilo que é verdade para o discípulo como indivíduo, o é também para o corpo coletivo dos discípulos denominado igreja. Assim como o cristão individual não deve colocar-se em primeiro lugar, seja homem ou mulher, mas servir aos outros, também a igreja não deve colocar-se em primeiro lugar, mas servir aos outros.

Devemos enfrentar a pergunta: É a missão da igreja defender a igreja ou defender a humanidade? Se é defender a igreja, então esta se torna um fim em si mesma, e já não é o meio de tornar visível a esperança. Por causa desta atitude do eu em primeiro lugar, muitas vezes a igreja se acha acreditando que Deus está do seu lado. Existe algo em torno da satisfação pessoal que é muito ilusório. Nunca devemos esquecer as palavras de Abraão Lincoln a alguns sacerdotes insolentes: “Jamais digamos que Deus está do nosso lado. Antes, oremos para que possamos ser achados do lado de Deus.”

Tiago e João pensavam que pelo fato de ter as melhores posições, estariam servindo melhor a Deus. É nisto em que pode resumir-se o enganoso poder do servir a si mesmo. A base do cristianismo é o serviço abnegado em prol de outros. É este princípio básico que deve motivar todas as ações humanas dentro do corpo de Cristo. É a autoridade que Deus concede à igreja não é a autoridade para dominar, mas autoridade para prestar serviço aos outros. Não é a autoridade do mando, mas a autoridade do serviçalismo.

Como isto se relaciona com as pessoas cuja posição social já as relegou ao serviçalismo? Há uma diferença fundamental entre serviçalismo e servidão. A servidão é uma condição social forçada, imposta à pessoa pelos outros, que priva essa pessoa, seja homem ou mulher, da liberdade de escolher seu próprio curso de ação e opções de vida. O serviçalismo, por outro lado, é uma ação voluntária na qual a pessoa, por espontânea vontade, escolhe prestar serviço a outras. A dignidade humana está em perigo na servidão; é elevada no serviçalismo.

Necessitamos avaliar nossa igreja atual e nossas estruturas institucionais, a fim de fazer um reparo nesse aspecto. Precisa haver um partilhamento natural de poder entre pastor e leigos em favor do bem-estar de todo o corpo. Alguns, porém, por causa de seu desejo de apossar-se do poder para fins egoístas, ou porque não conseguem entender plenamente a natureza do Reino de Deus, não são capazes de ver o que precisa ocorrer.

Já é tempo de nos convenceremos de que não mais podemos continuar complacentes com nós mesmos e egoístas, motivados pelo que Martin Luther King Jr. chamou de “a principal caixa de ressonância do instinto” — o desejo de ser o primeiro, de estar na dianteira, liderando a parada da glorificação própria — e ainda nos chamarmos cristãos! Devemos pôr as necessidades alheias em primeiro lugar, e pensar em como podemos melhor satisfazer essas necessidades. É nesse ponto que o chamado de Jesus para uma volta ao serviçalismo deve exemplificar a missão da igreja.

Arrependimento e poder

Harvey Cox vai ao ponto de declarar que “o equivalente moderno do arrependimento é o uso responsável do poder”.¹⁰ Creio que existe alguma verdade nisto. A igreja deve arrepender-se do seu mau uso do poder. Os indivíduos, entre os quais pastores, devem arrepender-se do desejo de poder não para ser-

vir aos outros, mas para servir a si mesmos.

E mediante o arrependimento obteremos acesso ao genuíno poder, poder do amor, o único poder que deve ser manifestado no adventismo — o poder que influencia o comportamento de outros sem violar-lhes o livre arbítrio.

Tal poder só pode tornar-se manifesto quando atendermos ao apelo de Jesus em favor do serviçalismo — o primeiro deve ser o último, o maior deve ser o menor, aquele que tem as maiores credenciais (doutor em filosofia, em educação, em divindades ou seja qual for o título que venha antes do nome) deve ser servo de todos .

Harvey Cox declara que “o equivalente moderno do arrependimento e o uso responsável do poder”.

Esta é a mensagem de Jesus para a missão de Sua igreja nestes últimos dias — um retorno ao serviçalismo.

“Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (João 13:16 e 17).

1. Max Weber, *Economy and Society*, vol. 2 (Berkeley: University of California Press, 1978), pág. 926.

2. George A. Theodorson and Achilles G. Theodorson, *A Modern Dictionary of Sociology*, (Nova Iorque: Barnes & Noble, 1979).

3. Harvey Cox, *The Secular City*, (Nova Iorque: The MacMillan Company, 1965), pág. 118.

4. Gene Sharp, *The Politics of Nonviolent Action: Part One; Power and Struggle*, (Boston: Porter Sargent Publishers, 1973), pág. 7.

5. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 1, págs. 209 e 210.

6., *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 637 (não confere nem no inglês).

7., *A Ciência do Bom Viver*, pág. 470 (página não confere).

8. Elisabeth Schussler Fiorenza, “You are not to be called Father, Early Christian History in a Feminist Perspective”, *Cross Currents*, 10:3, pág. 317.

9. Rosemary Radford Ruether, *Mary — The Feminine Face of the Church*, (Filadélfia: The Westminster Press, 1977), pág. 84.

10. Cox, pág. 119.

Avaliação Ministerial: Boa? ou Má?

Já que o contracheque do pastor não pode determinar se ele é eficiente ou não, o autor desta matéria estabelece alguns princípios que podem ajudá-lo a fazer sua própria avaliação.

A avaliação é indispensável ao crescimento. A prática não torna necessariamente perfeito. Pode apenas tornar permanente. Se você fizer algo às vezes bastante errado, isto se torna a única maneira em que você se sente bem. As habilidades pastorais ou de qualquer outra espécie são aprendidas de maneira mais conveniente por meio da prática, seguida de avaliação, de um plano de desenvolvimento, acompanhado da prática que experimenta e desenvolve esse plano, seguido de avaliação, etc. A avaliação é indispensável para ajudar-nos a conhecer nossa força e fraquezas e prover-nos uma base sobre a qual possamos estabelecer um plano para o desenvolvimento pessoal.

É importante para o pastor que não só ele seja avaliado, como também a sua igreja. Peter Wagner faz a corajosa declaração de que o adstramento do seminário é impróprio, porque não prepara o ministro para diagnosticar as necessidades e o potencial de sua congregação.

A avaliação assusta alguns ministros. Ela devia ser levada a sério — mas não tão seriamente. Você jamais seria capaz de realizar *perfeitamente* tudo o que se espera de um pastor. Ninguém é tão talentoso assim. Você será sempre forte em algumas áreas e um pouco fraco em outras. Deus concede a cada um de nós forças suficientes para nos fornecer coragem, e fraquezas em quantidade suficiente para nos comunicar humildade. Por outro lado, você pode crescer até onde é capaz de fazer *aceitavelmente* tudo o que se espera de um pastor.

O conselho de Paulo é encorajador: “Agora, porém, completai também o já começado, para que, assim como houve a prontidão de vontade, haja também o cumprimento, segundo o que tendes. Porque, se há prontidão de vontade, será aceita segundo o que qualquer tem, e não segundo o que não tem.” II Cor. 8:11 e 12.

Duas lições: Em primeiro lugar, Paulo fala de uma “prontidão de vontade” e de uma “disposição mental”. Deus não nos julga por aquilo que realizamos, mas de acordo com o nosso desejo de realizar. Ele se alegra com aqueles que são corajosos o suficiente para enfrentar as limitações de seu desempenho, porque eles mostram boa vontade para realizar.

Em segundo lugar, nosso texto fala de cumprimento segundo o “que não temos” e “de acordo com o que temos”. Deus não compara uma realização pastoral especial que praticamos com a de outra pessoa, mas com a quantidade de talentos que nos concedeu para realizar naquele setor.

Na parábola dos talentos, Jesus ensinou que Deus se sente tão feliz com o servo que recebeu dois talentos, como com aquele que obteve cinco talentos, quando eles estão fazendo o melhor que podem com os talentos que possuem. Ele fica desapontado com os servos de um talento, não porque têm apenas um talento, senão porque, possuindo tão pouco, eles procuram com tanto empenho ocultar o fato. Eles se desiludem e nada fazem com aquilo que possuem.

A avaliação muitas vezes é inútil para o ministro. Em muitas profissões há até certo pon-

to uma base numérica automática. O vendedor sabe quantas vendas fez. O comerciante sabe quanto ganhou. Mas a única avaliação numérica do sucesso do pastor talvez seja o número de pessoas batizadas. É um bom indicador, mas um indicador muito incompleto. Os presidentes de Associação que parecem avaliar os ministros baseados apenas nos batismos, podem agir assim não tanto por considerarem a avaliação completa, mas por ser este o único meio facilmente disponível.

O cheque de pagamento do ministro adventista não avalia sua eficiência. Ele não se baseia em quão bem está o ministro fazendo o seu trabalho, mas em há quanto tempo o esteve ele realizando. A congregação não oferece muita avaliação imparcial. Não é fácil ao ministro fazer avaliação honesta, precisa.

A avaliação está disponível agora a você, mediante um caderno de notas preparado pela Associação Ministerial da Associação Geral. Verificamos que nenhum teste ou instrumento serve a todas as personalidades pastorais ou a todas as situações. Por isso, tomamos o ponto médio ao preparar este livreto que contém 16 instrumentos diferentes, dos quais você pode escolher.

Há testes para até seis áreas: o pastor avaliado por si mesmo; o pastor avaliado por sua igreja; descrição da atividade pastoral; objetivos pastorais; a igreja avaliada por si mesma e/ou o pastor; e o administrador da igreja avaliado pelo pastor, por ele próprio ou por outros.

Um dos testes foi preparado por nós, mas a maioria veio das associações, e foram compilados de respostas a uma pesquisa do campo mundial. Agradecemos àqueles que os apresentaram, pelo bom trabalho que fizeram e pela disposição em partilhar.

Há pelo menos seis áreas nas quais o pastor pode ser avaliado, segundo um livreto preparado pelo autor, com base em pesquisas no campo mundial.

Algumas Associações podem utilizar modelos como estes para avaliar seus pastores. É aí que a avaliação é muitas vezes considerada pelos pastores como má — e pode sê-lo caso não seja feita no clima correto. Seja como for, nosso realce é a avaliação pessoal.

Esses instrumentos de avaliação vão até você acompanhados por nossa prece de que juntos, você e o Senhor, possam usá-los como um meio de ajudá-lo a se tornar cada vez mais eficiente em Seu serviço.

Como Lidar com a Dor de Cabeça

A dor de cabeça, um problema de saúde que atinge milhões de pessoas em todas as partes do mundo, pode ter diversas origens, muitas das quais exigem a interferência do médico. Neste artigo, saiba como reconhecer e tratar a dor de cabeça.

Era meados de verão. O sol abrasador havia amadurecido o grão e ressecado as hastas do trigo. Com a colheita no auge, os campos murmuravam aos sons do bailado das foices. Trabalhadores barulhentos amontoavam nos carros de boi pesados feixes.

Certo rapaz estivera ajudando o pai nos campos de trigo durante todo o dia. Essa espécie de trabalho era novidade para ele, mas fizera o melhor que pôde para manter-se junto aos outros trabalhadores. Talvez se tenha excedido. É possível que não tenha tomado água suficiente ou se alimentado de maneira conveniente naquele dia. Possivelmente tenha procurado trabalhar no calor sem primeiro acostumar-se a ele. Seja qual for a razão, ele pôs a mão na cabeça e clamou ao seu pai: "Ai, a minha cabeça! ai, a minha cabeça!" (II Reis 4:19).

A dor não passava. Ela não só continuava, mas piorava. O homem levou o filho para casa — mas o dano já havia sido causado. Ele faleceu sentado no colo da mãe. É provável que aquele menino sofresse do que se conhece agora como choque térmico seguido de dor de cabeça.

A dor de cabeça tornou-se conhecida através de toda a história da humanidade. Seu tratamento tem despertado o interesse de todas as culturas. Existem até relatos de trepanação

(abertura do crânio humano com instrumentos parecidos com broca) na África antiga. Deveu-se isto, talvez, a problemas na cabeça — dor de cabeça.

Quando descrevemos todas as funções da cabeça, os superlativos surgem com facilidade. Cada um dos cinco sentidos tem o seu centro no cérebro. Manter-nos conscientes e alerta é dever especial desta coroa da coroação da criação de Deus.

Os bastonetes e cones da parte posterior do globo ocular iluminam o cérebro com imagens visuais da mais nítida cor e mais fino pormenor. Os ouvidos captam e transmitem os sons ao cérebro para serem avaliados para possível ação. O sentido do tato é tão delicado que mesmo um pequeno cílio voltado para o lado de dentro da pálpebra inferior provoca espasmos de desconforto e dor. O sentido do olfato permite-nos prever e apreciar a mais deleitosa de todas as experiências — comer bom alimento — mesmo antes que nossa boca o prove.

Na verdade, o cérebro é um dos mais significativos dons de Deus à humanidade. A cabeça é sede do cérebro — esse microcomputador prototípico que contém mais de 50 bilhões de células nervosas conjugadas. Quando a cabeça dói, ou está confusa, ficamos aflitos por fazê-la voltar ao normal.

Dr. Richard Neil
Professor associado de promoção
e educação da Escola de Saúde da
Universidade de Loma Linda

Entender a dor de cabeça e suas possíveis conseqüências, requer exame daquelas estruturas da cabeça e das que lhe ficam ao redor, as quais lhe podem causar sofrimento. Como se pode imaginar, a cabeça é uma estrutura muito complexa. Ela se compõe de vários tecidos, cada qual com funções diversas.

O crânio, ou calvário, dá contorno e consistência à cabeça. Normalmente ele não produz dor. As células nervosas suprem o tecido através do qual os cinco sentidos — audição, visão, gosto, olfato e tato — se registram no cérebro. Os órgãos que servem de transmissores desses sentidos — os olhos, ouvidos, nariz e boca — podem, eles próprios, ser as fontes do sofrimento.

Muitos músculos têm ligação com a cabeça. Os espasmos musculares podem produzir dor em qualquer parte do corpo, entre elas a cabeça. Os vasos sanguíneos, outro componente da cabeça, levam cerca de um quinto do sangue procedente de cada batida cardíaca para essa mais importante parte do corpo. Os vasos sanguíneos são cobertos por tecido fibroso que, quando forçado, pode causar algum tipo de dor de cabeça. Outras estruturas da cabeça tais como os seios faciais, os dentes e as várias junções podem também produzir dor.

Os espasmos musculares podem produzir dor em qualquer parte do corpo, entre as quais a cabeça.

Com tantos responsáveis potenciais, como pode você saber qual deles é o causador da cefaléia? E como pode saber se a dor significa algum problema ou é apenas um incômodo que pode ser controlado com um pouco de aspirina e/ou tempo?

A constatação mais importante talvez seja a de que a grande maioria das dores de cabeça não indicam um problema sério. Na verdade, a maioria das dores de cabeça por tensão. Há, contudo, outras causas de cefaléia, tais como a infecção dos seios faciais, dor de dente, rea-

ções alérgicas, enxaqueca e problema mais sérios como tumores do cérebro.

Cefaléia por tensão

Para determinar a dor de cabeça por tensão, os fatores importantes são sua natureza, localização, e quanto tempo durou a dor; juntamente com fatores que iniciam, aumentam, diminuem, ou aliviam a dor.

Como o nome indica, dor de cabeça por tensão resulta de tensão nos músculos que ficam em torno dos ombros, pescoço ou cabeça. Não se refere necessariamente a tensão no centro do músculo.

Os músculos que ficam ao longo das costas são todos ligados entre si. Significa isto que um músculo das nádegas pode eventualmente espalhar seu desconforto por todo o trajeto até o alto da cabeça. Por isso, qualquer coisa que cause um estiramento ou puxão de qualquer dos músculos ao longo das costas, ombros ou pescoço, pode realmente produzir espasmo do músculo e dor, que será sentida na forma de dor de cabeça.

Os anos de permanência diante de uma pia de cozinha podem fazer com que a cabeça da pessoa se incline bem para frente do tórax. Nessa situação, chamada de "cabeça avançada", os músculos de detrás do pescoço são puxados para a frente e eventualmente clamam contra este estiramento, produzindo espasmos dolorosos.

Longas horas gastas examinando livros ou sentado em reuniões, podem produzir as mesmas conseqüências. Neste caso, não é só a posição da cabeça, mas sua limitada esfera de movimento, que causa a dor.

O estresse, no curso dos constantes desafios da luta pela vida, também causa tensão nos músculos, quer o estresse decorra da mediação das reuniões da comissão da igreja, do combate ao tráfico ou apenas do planejamento das férias da família. Em qualquer situação que exija concentração e esforço mental, os músculos que ficam em torno do maxilar, do pescoço e do ombro freqüente e inconscientemente se tornam tensos. Os conflitos íntimos e as irritações também aumentam a tensão nos músculos.

A focalização da vista pode também provocar dor de cabeça por tensão. O cristalino é a

parte clara, cristalina do olho, que centraliza a entrada dos raios luminosos que incidem sobre a parte posterior do globo ocular e, por isso, permitem que vejamos. Essas lentes se tornam mais espessas ou mais rarefeitas quando as circunstâncias o exigem, a fim de que a visão seja aguçada. Se sua visão necessita de correção pelo fato de o globo ocular não estar corretamente iluminado, ou porque aquilo que você está lendo se acha muito perto, os pequenos músculos que controlam as lentes não estão tão eficientes quanto deveriam, e isto produz estrabismo. Esses músculos do globo ocular e seus arredores sofrem então espasmo, produzindo a dor. Os óculos podem corrigir facilmente o problema.

Como lidar com a cefaléia por tensão

Ador de cabeça resultante de tensão pode ser descrita de várias maneiras. Às vezes ela se parece com uma faixa compressora em torno da cabeça. Em outros casos se parece com um peso na parte superior da cabeça, ou mesmo simula uma sensação de leveza da cabeça, permitindo que o paciente se sinta como se estivesse quase para cair para um dos lados.

Os músculos que circundam o tórax ou o pescoço podem ser os transmissores da dor de cabeça por tensão.

Quase sempre há um ponto de disparo em alguma parte dos músculos do corpo. O gatilho é um ponto encarregado de no mínimo um dos grupos de músculos que circundam o tórax ou o pescoço, onde a pressão com a ponta do dedo tornará pior a dor de cabeça. Localizar esse ponto, ou esses músculos, é a chave para resolver a dor da cabeça.

A massagem suave dos músculos doloridos, especialmente na região do disparo, reduzirá a dor. É simples. A massagem se concentra no músculo, e permite que este se retese e se relaxe alternadamente. Se a massagem for precedida por tratamento quente e úmido (como toa-

lhas de água quente), o efeito será ainda melhor.

O travesseiro pode contribuir para que alguém sofra de dor de cabeça.

Mas a melhor maneira de lidar com a dor de cabeça por tensão é tratá-la logo no começo e, se possível, preveni-la. A prevenção é realmente muito simples, e há muito poucas regras:

1. *Manter a boa postura.* — Isto significa ficar de pé ereto, sentar-se em posição vertical e evitar passar muito tempo em posições abdominais. Se percebe que está sentado descuidadamente em sua cadeira, ou fica de pé com o queixo caído sobre o peito, ou olhando detidamente para algum objeto, mude imediatamente de posição ou de alvo — mesmo que isto signifique levantar-se e andar pelo recinto.

2. *Certifique-se de que sua visão está corrigida de maneira apropriada.* — Assegurar-se de que sua visão está em ordem por um oftalmologista qualificado, pode ser proveitoso em qualquer caso. Isto é verdade em especial se houver um problema da vista do qual você não está ciente, e que está causando dores de cabeça incômodas.

3. *Cuide de sua alimentação.* — Algumas coisas como alimentos condimentados, açúcar, ou conservantes têm estado, no caso de algumas pessoas, relacionados com as dores de cabeça. Ao passo que o mecanismo que acompanha isto é obscuro, pode ser que essas substâncias tornem os músculos mais sensíveis a prolongados períodos de tensão.

4. *Cuidado com o travesseiro.* — As dores de cabeça que aparecem pela manhã podem estar associadas com dormir de costas com um travesseiro embaixo da cabeça. Nessa situação, o pescoço é forçado para a frente e produz os mesmos efeitos de quando em pé com a cabeça inclinada para a frente. Dormir de bruços ou dormir sem o travesseiro corrigirá o problema.

5. *Exercite o pescoço.* — O movimento do pescoço é necessário para manter os músculos flexíveis e relaxados. Jamais se deveria movimentar a cabeça em círculo sobre o pescoço. Ao invés disso, movimente-se vagarosamente a cabeça como se estivesse dizendo “sim” em toda a sua extensão. Isto pode ser seguido pelo tentar encostar o ouvido no ombro próximo — repetindo vagarosa e deliberadamente, e até onde ele possa ir confortavelmente. Depois gire a cabeça de maneira que seu queixo encos-

te primeiramente no ombro direito e, depois, no esquerdo. Esses movimentos devem ser repetidos no mínimo três vezes cada um. Essa série de exercícios pode ser praticada em qualquer tempo e lugar. Eles são proveitosos especialmente se o pescoço começa a esticar-se depois de horas de estudo ou trabalho sentado em frente de escrivaninha.

Atentar para estas regras simples evitará que você venha a ter dor de cabeça por tensão.

Outros tipos de dor de cabeça

Infelizmente, há outras causas mais graves de dores de cabeça. Com frequência, os sintomas dessas dores de cabeça não podem ser claramente distinguidos das dores de cabeça comuns por tensão, a não ser por um médico. Em geral, se a dor de cabeça demora mais do que algumas horas, deve ser examinada por seu médico assim que for possível.

A dor de cabeça por enxaqueca tem a tendência de ser recorrente, latejante e episódica. Em geral aparece em um dos lados da cabeça e parece estar relacionada com distúrbio no sangue que flui para a cabeça. Náusea e vômito estão frequentemente associados com as dores de cabeça, os quais podem ser precedidos por sintomas visuais, entre eles luzes cintilantes, fagulhas, ou formas geométricas. Essas dores de cabeça são muito severas quando atacam e em geral não se confundem com as provocadas por tensão. Intimamente relacionadas, estão as dores de cabeça de grupo, que podem aparecer em qualquer época do ano. Atingem predominantemente os homens de meia-idade e, como o nome indica, ocorrem em setores ou grupos. Em geral é necessário cuidado médico para esse tipo de dor de cabeça.

A dor de cabeça alérgica pode ocorrer como resultado da ingestão de alimentos aos quais somos sensíveis. Na verdade, essa espécie de dor de cabeça não é causada por alergia, mas por reação orgânica a certas propriedades químicas dos alimentos ou por outras substâncias. Estando atento ao tipo de dor de cabeça, depois de expor-se a alimentos ou outras substâncias, você pode fazer o seu próprio diagnóstico, quase sempre sem precisar buscar assistência médica.

Os problemas da boca, que vão desde dentes

com abscesso até distúrbios temporomandibulares, podem causar dor de cabeça. É possível identificá-los se sua espécie de dor de cabeça estiver associada ao comer ou à mastigação. Na ausência de dor de dente nítida, bater de leve em cada um dos dentes com um objeto firme pode muitas vezes fazer com que se localize o dente com abscesso. Em todo caso, seu dentista poderá constatar alguma dor anormal ou qualquer outra anormalidade dentária que esteja causando dor de cabeça.

Os problemas dos seios frontais podem ser expressos na forma de dor de cabeça. Os seios ou seios são áreas ocas, localizadas nos ossos do crânio, as quais drenam para a cavidade nasal. Se as aberturas da drenagem forem obstruídas por infecção, forma-se pressão dolorosa na cavidade quando as secreções se acumulam. Essa espécie de dor de cabeça geralmente vem acompanhada de uma forte sensação no nariz, febre e uma história de infecções nasais ou de resfriados. O tratamento por um médico pode ser definitivamente necessário.

Quase todas as pessoas que sofrem de forte dor de cabeça, ficam desconfiadas de que a causa pode ser alguma anormalidade no cérebro ou um tumor. Embora esses problemas sejam raros, devem ser admitidos em qualquer caso em que a dor de cabeça seja repentina, intensa ou prolongada numa pessoa que, de outra maneira, estaria bem de saúde. Tais problemas podem estar associados com apreensões ou insônia, e não são aliviados por meios comuns. Outras observações associadas com esta variedade de dor de cabeça podem incluir visão dupla e fraqueza ou paralisia de certas partes do corpo. Se ocorrer algum desses sintomas, deve-se dar atenção imediata à dor de cabeça.¹

Outras causas de dor de cabeça incluem pressão alta do sangue, infecções do cérebro tais como meningite ou encefalite, depressão, medicamentos e ferimentos. Obviamente, esses tipos de dor de cabeça requerem diagnóstico e tratamento médico.²

Os remédios e a dor de cabeça

O tratamento da dor de cabeça é um negócio multimilionário. A maioria das pessoas que sente uma dor de cabeça vai imediatamente

te em busca de aspirina ou de uma das substâncias parecidas com aspirina. A aspirina não reduz o espasmo muscular da dor de cabeça por tensão. Tudo o que ela faz é alterar a sensação de dor e reduzir alguma inflamação que talvez exista.

Obviamente, a primeira função do negócio é descobrir a fonte da dor e corrigi-la. A medicação deve ser usada apenas como uma medida temporária, enquanto se procura o cuidado médico e a eliminação da causa da doença.

“Pelo estudo do organismo humano, devemos aprender a corrigir aquilo que estiver errado em nossos hábitos e que, se deixado sem corrigir, traria como resultado certo, a doença e o sofrimento, que tornarão a vida um fardo. A sinceridade de nossos corações pode ser provada apenas pelo vigor do nosso empenho para obedecer aos mandamentos de Deus.” — *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 504.

Na ausência de causas graves, a maioria das dores de cabeça são o resultado de tensão nos músculos. A delegação de autoridade, exercício físico adequado, leitura conveniente diversificada e uma forma de sono apropriada podem ajudar a reduzir-lhe a freqüência.

Seguir estes princípios, juntamente com uma forte confiança na providência divina para dirigir e sustentar sua vida, pode ser a resposta a viver com a cabeça funcionando com o máximo de eficiência e o mínimo de desconforto.

1. S. A. Schroeder, M. A. Krupp, and L. M. Tierney, *Current Medical Diagnosis and Treatment* (Norwalk, Conn.: Appleton & Lang, 1988).

2. T. M. Harrison, et al., *Principles of Internal Medicine* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1980).

A Linguagem Simbólica das Escrituras

A linguagem das Escrituras reflete a influência da cultura semita e oriental do povo hebreu, muito mais voltadas para o simbolismo.

É preciso ter isso em mente, quando se lê a Palavra de Deus, a fim de aproveitar melhor os seus ensinamentos.

Com freqüência a Bíblia apresenta sua mensagem por meio de linguagem simbólica. Ao lê-la, é conveniente ter sempre em mente este fato, a fim de que não ocorram problemas desnecessários na interpretação, nem venhamos a perder uma parte importante da mensagem que a Palavra de Deus encerra.

É preciso lembrar que as Escrituras estão cheias de símbolos porque, embora escritas por homens inspirados pelo Espírito Santo, estes empregaram seu estilo e linguagem pessoal. Essa linguagem reflete a influência de uma cultura específica: a mentalidade semita e oriental do povo hebreu inclina-se muito mais para o simbolismo do que para a mentalidade analítica, filosófica e científica do Ocidente.

Por outro lado, Deus Se revelou a Si mesmo, não apenas por palavras mas também por atos. As duas coisas andam juntas e complementam uma à outra. As palavras explicam os fatos, e estes proporcionam um cenário às palavras. A síntese perfeita encontra-se em Cristo, pois Ele é a Palavra que Se fez carne. Todos os fatos da história da redenção relatados na Bíblia, centralizam-se neste fato supremo. As diversas linhas da revelação do Antigo Testamento convergem para Ele; e, as do Novo, dEle irradiam. Só com este fato unificador (Jesus Cristo) encontram divina explicação as demais narrativas da Bíblia. Só na medida em que discernir sua relação com o grande fato central da his-

tória sagrada, entendê-las-á devidamente o intérprete.

Conclui-se, assim, que o expositor não deve ficar satisfeito com a mera compreensão dos relatos da Escritura como história, mas descobrir o significado oculto dos fatos, tais como o chamado de Abraão, a luta de Jacó, o livramento de Israel do Egito, a profunda humilhação de Davi antes de ascender ao trono, etc. Deve-se fazer plena justiça ao caráter simbólico e típico da história de Israel.

Na interpretação dos milagres bíblicos, não se deve esquecer de que estes se acham perfeitamente relacionados com a obra da Redenção. Em alguns casos, simbolizam a obra redentora de Cristo; em outros, retratam as bênçãos da era futura. O intérprete deve determinar o significado dos fatos da história como uma parte da revelação do plano redentor de Deus.

Natureza dos símbolos bíblicos

Símbolo é um sinal que sugere significado, em lugar de declará-lo. Pode representar algo passado, presente ou futuro (o que não ocorre com um tipo). O símbolo não tem limite básico quanto ao tempo. Um leão como símbolo de poder ou de apetite voraz, não prediz necessaria-

Eunice Becerra
Escreve da Divisão Sul-Americana

mente nada para o futuro.

Ao falarmos de significado simbólico, não quer dizer necessariamente que devemos separar-nos do significado literal. Podemos falar “literalmente” de certos fatos, pessoas, lugares, coisas e realidades concretas. Quando, porém, começamos a falar de idéias e conceitos, descobrimos que amiúde precisamos recorrer ao uso de figuras de linguagem e a símbolos, para conseguir transmitir uma mensagem. E, quando esta mensagem é pouco relacionada com a experiência pessoal do leitor, mais importante se torna o uso de símbolos ou de linguagem simbólica.

O símbolo não tem limite básico quanto ao tempo. Um leão como símbolo do poder ou de apetite voraz, não prediz necessariamente nada para o futuro.

Quando dizemos que Deus é espírito e não carne, que Ele habita na eternidade e que é “diferente” de tudo o que conhecemos, menos naquilo em que o homem é Sua imagem, a linguagem simbólica é quase o único meio possível de descrevê-Lo. Quando o chamamos de “Pai”, estamos tomando uma realidade de nosso mundo e usando-a para indicar uma verdade acerca de Deus. Quando dizemos que Deus nos “ouve”, estamos novamente falando simbolicamente. “Ouvir” é um fenômeno que requer em primeiro lugar a produção de ondas sonoras na atmosfera, depois um meio físico que recebe essas ondas e as transforma em estímulos sensoriais para nosso sistema nervoso e, finalmente, a reunião desses estímulos com os correspondentes sinais já armazenados em nosso cérebro como “memória”. A identificação do estímulo presente, com a ajuda da experiência passada, permite ao “ouvinte” receber a mensagem sonora que se procura comunicar. Naturalmente, quando dizemos que Deus nos “ouve” não estamos dizendo que Ele tenha cada órgão necessário para ouvir, ou que Ele dependa da atmosfera para a transmissão das ondas sonoras. Na verdade, cremos que podemos orar silenciosamente, e Ele ainda nos ouve.

Para ilustrar o que vimos dizendo, pode ser

útil considerar como exemplo uma passagem bíblica. Referimo-nos a Gênesis 3:15, também denominada de proto-evangélio: “E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.”

O sentido literal do versículo é claro. Deus está falando à serpente, que levou a mulher a pecar, desobedecendo a Deus. Está dizendo que haverá hostilidade entre seres humanos (a semente da mulher) e serpentes (a semente da serpente). Por meio dessa hostilidade ou inimizade, os seres humanos seriam feridos (ferida do calcanhar) e as serpentes seriam mortas (ferida na cabeça). Bem sabemos, porém, que o propósito desta passagem não termina aí. Há um sentido muito mais abrangente e profundo.

Este *sensus plenior* poderia ser expresso da seguinte forma: A crise ou problema espiritual (a tentação e a queda) foi obra de um ser (a serpente) hostil a Deus e à Sua vontade revelada. Essa hostilidade continuará a manifestar-se através dos tempos, e os seres humanos serão feridos por ela. Finalmente, porém, haverá vitória, porque um homem (identificado como Jesus Cristo por revelação posterior) destruirá por fim o tentador (identificado, posteriormente, como Satanás).

Nossa passagem tem um sentido literal extremamente limitado se não o olharmos como uma declaração simbólica, grandemente significativa quando a lemos à luz do resto da revelação.

Após tomar consciência da existência de símbolos e de linguagem simbólica nas Escrituras, o intérprete procurará identificar o simbólico para não lhe dar o tratamento relativo ao literal. Tomemos de Michelson a descrição das características básicas de um símbolo, para conseguir entender com mais facilidade.

Quando chamamos a Deus de Pai, estamos tomando uma realidade de nosso mundo e usando-a para indicar uma verdade acerca de Deus.

1. Símbolo é, geralmente, um objeto literal. Pode ser uma panela fervente, um punhado de figos bons ou ruins, um carneiro ou um cabri-

to. Em cada caso o escritor descreve uma panela real, um objeto real ou um animal real que existe de fato.

2. O símbolo é usado para dar uma lição ou apresentar uma verdade. Os dois cestos de figos bons e maus (Jer. 24) identificavam dois grupos existentes em Judá. Os figos bons eram símbolo dos que haviam sido levados cativos para Babilônia; os maus, os restantes membros do povo de Judá. Promete-se a restauração para os primeiros, e o juízo divino para os segundos.

3. A relação entre o objeto literal e a lição que este ensina, torna-se mais clara quando sabemos a intenção de quem usou o símbolo originalmente.

Interpretação do símbolo bíblico

Cremos que se deve evitar cair em qualquer dos dois extremos na tentativa de interpretar os símbolos bíblicos. Existem os que se apegam a um literalismo excessivo que os faz ler as Escrituras sem lhe captar o conteúdo mais amplo e profundo. Na verdade, amiúde uma posição literalista é insustentável, por mais objetiva e científica que pretenda ser.

Há os que se deixam levar ao extremo do subjetivismo, aproximando-se da mensagem bíblica como quem lê apenas alegorias.

Por outro lado, há os que se deixam levar ao extremo do subjetivismo, aproximando-se da mensagem bíblica como quem lê apenas alegorias. Esse método, naturalmente, leva a interpretações caprichosas que tornarão relativa a mensagem da Palavra de Deus. As sugestões dadas por Bernard Ramm para a interpretação dos símbolos bíblicos, parecem-nos apropriadas:

1. Os símbolos interpretados na própria Escritura são o fundamento para qualquer outro estudo do simbolismo. Quando a própria Bíblia interpreta um símbolo, estamos pisando em terreno seguro; essas interpretações podem ser usadas como guia para o estudo de outros sím-

bolos. Se animais ferozes no livro de Daniel representam poderes políticos ímpios ou nações, não devemos admirar-nos por encontrá-los no Apocalipse simbolizando a mesma idéia geral. A ovelha ou cordeiro é um símbolo freqüente seja de sacrifício ou do coração humano extraviado. O contexto nos ajudará a definir imediatamente o significado correspondente.

2. Se o simbolismo não for interpretado na Bíblia, sugerimos o seguinte:

a. Investigar cuidadosamente o contexto. Poderá acontecer que aquilo que se diz antes ou depois revele a idéia que o símbolo encerra.

b. Com o auxílio de uma concordância, procure outras passagens que utilizam o mesmo símbolo, e veja se alguma delas oferece a chave para a sua interpretação.

c. Às vezes a natureza geral do símbolo é a chave de seu significado (embora tenhamos a tentação de ler no símbolo os significados que nossa cultura lhes deu, e não o dos tempos bíblicos). São do conhecimento geral o caráter preservativo do sal, a ferocidade dos leões, a docilidade das pombas, a mansidão dos cordeiros e a sujidade dos porcos.

d. Em geral, estudos comparativos da cultura semita revelam o significado do símbolo. A arqueologia costuma ser uma excelente ajuda. Se, porém, não encontrarmos nenhuma chave mais ou menos segura, pode ser mais sábio permanecer em silêncio, do que especular subjetivamente em torno dos símbolos.

3. Atenção ao duplo significado de alguns símbolos.

A interpretação do símbolo bíblico não exige que cada símbolo tenha apenas um significado. O leão é ao mesmo tempo símbolo de Cristo (o leão da tribo de Judá) e de Satanás (o leão que busca devorar os cristãos). A ovelha é um símbolo de sacrifício e de pecadores perdidos. A água significa a Palavra, em Efés. 5:26; o Espírito, em I Cor. 12:13 e a regeneração, em Tito 3:5.

Concluimos convidando nossos colegas de ministério a considerarem com atenção nossa própria metodologia na interpretação do símbolo bíblico. Cuidemos para que nossa pregação e nosso ensino não façam da linguagem simbólica da Bíblia algo irrelevante ou indefinido. Consideremos como Jesus deliberadamente escolheu os símbolos da água, do pão, vinho, luz, vinha, pastor, para fazer chegar aos homens a Sua mensagem. A comunicação da mensagem empo-

brece sem o uso do simbolismo; não esqueçamos, porém, que estes símbolos não são um fim, mas um meio riquíssimo de transmitir revelações amplas, profundas e transcendentais.

Gordon Hyde ed., *A Symposium on biblical hermeneutics*, Washington D.C., Review and Herald, 1974, págs. 209-213.

A. Berkeley Michelson, *Interpreting the Bible*, Grand Rapids, Eerdmans, 1970, págs. 265-279.

Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, Grand Rapids, Baker, 1970, págs. 232-238.

Bibliografia

Luis Berkhof, *Principios de interpretación bíblica*, Terrassa, Barcelona, Clie, 1980, págs. 171-179.

Apocalipse 4 e 5: A Visão do Trono

Há três correntes de interpretação, com respeito à visão do trono, entre os intérpretes adventistas. O autor analisa todas elas, mostrando finalmente qual das três está mais de acordo com a realidade.

Um dos maiores problemas que se apresentam aos intérpretes modernos do Apocalipse, refere-se à natureza da visão dos capítulos 4 e 5. Como estes dois capítulos são fundamentais para a compreensão do resto do livro, é importante compreender bem o seu conteúdo e, em especial, suas dimensões de espaço e tempo.

Entre os intérpretes adventistas, há atualmente três tendências. Uma delas é a que considera a visão como ocorrendo no primeiro compartimento do santuário celestial e, por conseguinte, revelando a inauguração do santuário celestial, e o começo do ministério "contínuo" de intercessão de Cristo no lugar santo. Segundo esta interpretação, a mesa dos pães da presença, que se encontrava naquele primeiro recinto do santuário, seria um símbolo do trono de Deus.

O problema dessa interpretação, porém, é que não temos nenhuma indicação clara, nem na Bíblia nem no Espírito de Profecia, a respeito da mesa como símbolo do trono de Deus, nem de uma manifestação especial da glória em relação com ela. Se o fato de a mesa encontrar-se do lado norte do santuário tiver que ser relacionado com a linguagem mitológica antiga, também partilhada pelos israelitas, que situava o trono dos deuses ao norte, então a arca no lugar santíssimo deveria ser vinculada ao lugar dos demônios, pois esse era o lugar reconhecido deles. Além disso, mesa não é cadeira para alguém sentar-se, e as visões do Apocalipse se fundamentam nas imagens do templo de Salomão, que continha 10 mesas dos pães da proposição e 10 candelabros, mas não dois ou dez altares de incenso, nem duas ou dez arcas (I Crôn. 28:15 e 16; II Crôn. 4:7, 8 e 19).

Dr. Albert R. Treiyer
Professor de teologia do seminário
de São Domingos

Uma segunda interpretação bastante representativa, relaciona o trono com o lugar santíssimo, e considera que a cena é uma visão do juízo, semelhante à visão de Daniel 7, e tipologicamente corresponde ao Dia da Expição. Por último, tem-se espalhado recentemente a idéia de que o templo da visão do trono foi reduzido "arquiteticamente a um só compartimento", visto que o candelabro que se encontrava no lugar santo e o trono representado pela arca no lugar santíssimo, são vistos na mesma visão, sem nenhum véu ou porta que os separe. Dessa forma, a visão do trono compreenderia, segundo esse ponto de vista, toda a obra da salvação.

A terceira interpretação, não obstante, pode ser parcialmente aceita pelos que acreditam que a visão se dá no contexto antitípico do Dia da Expição, pois nesse dia o sumo sacerdote fechava a porta que levava ao exterior, e abria a que se comunicava com o interior, tornando o templo um edifício intimamente ligado entre si. Se for este o caso, então a visão de Apocalipse 4 e 5 revelaria mais especificamente uma cena de juízo equivalente à que era representada por meio de ritos de purificação do Dia da Expição.

Negativa de um ministério celestial

A negativa de um ministério celestial exercido em dois lugares distintos com portas e véus de separação, apóia-se em duas premissas. A primeira supõe que a visão pode ser posta em relação analógica com Heb. 10:20 e Mat. 27:51, e a suposta noção de eliminação de todo véu ou barreira que intercepte a entrada à presença de Deus no santuário celestial. Em que pese não indicarem estas passagens a eliminação de todo véu ou porta do santuário celestial na época da crucifixão, como se verificará mais adiante, levam elas a se concluir que a única correspondência que resta entre o santuário terrestre e o celestial é a de sua função, e não a de sua divisão em duas partes ou lugares. Participa-se assim, de alguma forma, do problema moderno, tão disseminado, de não poder conciliar a onipresença divina com um lugar geográfico no qual Deus habita.

Com relação a Apocalipse 4 e 5, isto não leva

a supor que a visão do trono não determina um lugar definido do santuário celestial no qual Deus esteja *confinado*. Assim como Deus Se desloca de um lugar para outro, segundo algumas visões do Antigo Testamento, considera-se que a visão do trono nos textos aludidos é múltipla, pois "onde Deus está, aí está o trono". Em síntese, a visão do trono de Apocalipse revelaria, segundo este conceito, o ministério completo de Cristo desde seu início até o juízo (Apoc. 6:16), e o estabelecimento eterno do trono de Deus entre o Seu povo (Apoc. 22:3). Não uma cena única, definida e localizável em um lugar específico do santuário celestial.

A negativa de um ministério celestial exercido em dois lugares distintos com portas e véus de separação, apóia-se em duas premissas.

Todavia, o problema de relacionarmos tipologicamente a visão de Apocalipse 4 e 5 com os casos excepcionais de deslocamento de Deus no AT, é que João não descreve nenhum movimento do trono. Por outro lado, as declarações bíblicas que dizem que Deus Se levanta do trono, desloca-Se e depois Se assenta (Núm. 10:35; Sal. 35:2; 44:26; 68:1; 102:13; Zac. 2:13; Dan. 7:9 e 10, etc.), são muito sugestivas. Em Dan. 7, diz-se que neste processo se estabelecem tronos, e sobre um deles Deus Se assenta. As visões de Ellen White também entram nesta perspectiva. Ela não identifica o trono que viu no lugar santo como o do lugar santíssimo, e o carro que transporta a Deus e a Seu Filho ainda é diferente em ambos os tronos.

É propósito deste trabalho ajudar a esclarecer alguns conceitos e problemas de interpretação subjacentes em algumas destas interpretações, realçando especialmente os elementos que entram em jogo na visão, e que permitem situá-la num contexto definido que é o do juízo. Em lugar de isolar a visão do trono do resto das especificações concretas do livro com respeito aos lugares que são abertos dentro do santuário celestial (cf. Apoc. 3:6 e 7; 11:19; 15:5), a fim de passar depois a situá-la em um plano vago e generalizado que não se evidencia no texto, será mantido neste estudo a correspondên-

cia que, a nosso ver, é clara e simples nas passagens aludidas, entre o esquema do culto antigo e sua realidade no novo, tanto em suas projeções funcionais como em suas dimensões espaciais.

Sendo que já tratamos em outro trabalho, de maneira minuciosa, dos aspectos referentes ao tempo e espaço do Apocalipse, e da noção de juízo da visão do trono, não tornaremos aqui à consideração minuciosa de muitos aspectos que entram em jogo na apreciação deste assunto, nem aos comentários dos intérpretes modernos a respeito dele. Serão, porém, levadas em consideração, de modo especial, as reações negativas principais que de quando em vez são despertadas, com relação a seu estudo, e sua interpretação como uma cena de juízo.

Convocações especiais de juízo...

É verdade que tanto temas de louvor como algumas das descrições do trono em Apocalipse 4 e 5, podem ser aplicados a mais de uma ocasião, pois a Bíblia revela diversas ocasiões nas quais o concílio celestial se reúne e com diferentes propósitos, e apresenta algumas características que em alguns momentos se assemelham entre si. Contudo, as convocações do concílio celestial no Novo Testamento correspondem a uma projeção profética e tipológica definida, que estava delineada nos ritos do santuário terrestre, e que devia cumprir-se no ministério que Jesus desempenharia no santuário celestial. Em outras palavras, a conquista da cruz comoveria todo o Céu, e daria lugar a uma orientação e disposição do santuário celestial que se harmonizaria com as representações do antigo templo, numa ordem de espaço e de tempo correspondente, e numa escala e dimensão muito maiores.

Embora o quadro tipológico que nos vem do Antigo Testamento de um santuário dividido em duas partes e de um ministério definido que se cumpria em cada um deles, seja claro e simples (Heb. 9:6 e 7), algumas descrições que revelam certo deslocamento ocasional da presença de Deus, num contexto teocrático em que Deus figurava como rei e Se manifestava visivelmente através de uma nuvem, têm sido usadas ultimamente para negar que Deus Se afi-

gura *confinado* a um lugar específico, dentro de um véu ou templo. O fato, porém, de Deus Se deslocar em ocasiões especiais para fora ou para dentro do santuário terrestre, numa manifestação excepcional de Sua glória, não afasta a constatação indiscutível da existência de véus e portas no interior do recinto sagrado.

Por outro lado, os hebreus não criam que Deus precisasse deslocar-Se para poder ser onipresente (I Reis 8:26; II Crôn. 2:6; Jer. 23:24; Atos 7:49; 17:24). Deus habita nos Céus, mas ao mesmo tempo é onipresente por meio do Espírito Santo (Sal. 139:7-12, etc.). Do lugar santíssimo, Deus via e ouvia o que se dizia no exterior (Núm. 11:1; 12:2; 14:27 e 28). A mesma coisa se diz com respeito ao santuário celestial (Sal. 11:4 e 5; 33:13, 14 e 18; 53:2; II Crôn. 28:9; II Reis 19:22 e 28; Jer. 51:9; João 1:2; Apoc. 18:5, etc.). Em outras palavras, a nuvem, o monte e o santuário em si, serviam-Lhe de corpo ou vestido para cobrir-Se, e não como um impedimento ou entrave para manter um controle ou contato permanente com todas as obras de Suas mãos; tampouco para concluir que pelo fato de habitar em um lugar situável *geograficamente*, estivesse *confinado* ou recluso em seu interior como se fora em uma prisão. Sugerem por acaso os autores modernos, que para ser onipresente Deus tenha que viver ao ar livre?

Os hebreus não criam que Deus precisasse deslocar-Se de um lugar para outro para poder ser onipresente.

As ocasiões nas quais a glória de Deus se manifestava, e os dois compartimentos terrestres, estavam ligados entre si; eram a inauguração do santuário (Êxo. 29:43 e 44; 40:9, 34 e 35; Lev. 9:23; II Crôn. 7:1 e 2; Ezeq. 43:1-5) e sua purificação final no Dia da Expição (Lev. 16:2, 12, 13 e 17). Outras ocasiões nas quais a coluna de nuvem se manifestava de uma maneira especial no exterior, eram esporádicas e não estavam programadas pelo calendário típico do culto. Tais manifestações tinham que ver com uma obra de juízo que não precisava necessariamente pospor-se ao juízo final como o que se prefigurava no Dia da Expição (Lev. 23:29 e 30), pois o governo de Israel era teocrático. Esses julgamentos tipificavam o castigo final que viria so-

bre os rebeldes no fim do mundo, quando terminar a obra de expiação no santuário celestial, e Deus descer à Terra, à vista de todos os homens (Mat. 16:27; 24:30; 25:31 e 32; Apoc. 6:15-17; 15:8, etc.; ver Isa. 66:15, 16 e 24; Apoc. 20:9 e 10).

Em harmonia com esta projeção tipológica das revelações de Deus no culto antigo, no Novo Testamento aparecem duas ocasiões significativas, nas quais o concílio celestial é convocado, e em que a porta que leva ao lugar santíssimo também se abre. São elas a inauguração do santuário celestial com a coroação do Filho como sumo sacerdote do santuário (Heb. 1 e 2; Efés. 1:20-22; Filip. 2:9-11; Apoc. 3:21; 12:10), e sua purificação final no juízo, que vindica o caráter de Deus, de Seu Filho e de Seu povo para sempre (Dan. 7:9, 10, 12-14, 22, 26 e 27; Rom. 14:10; II Cor. 5:10; Heb. 12:22-24; Apoc. 4 e 5; 11:15-19; João 5:22 e 23, etc.). Uma terceira convocação se dá para julgar os que não se encontram no livro da vida durante o milênio, e para dar a paga final que mereceram suas obras, o que era tipificado na destruição dos rebeldes quando a glória de Deus se manifestava fora do templo (Apoc. 20:4 e 5; Isa. 24:22; Apoc. 7:9-12; 22:3-5; ver Lev. 23:29 e 30). Em todas essas ocasiões, a coroação do Filho ocupa um lugar saliente.

Uma vez que a dignidade do Cordeiro e a daquele que está assentado no trono possuem um valor permanente desde que Jesus morreu na cruz, é natural que o mesmo cântico seja entoado em mais de uma oportunidade. Daí, não poderem alguns dos textos citados acima ser muito excludentes (Efés. 1:20-22; Filip. 2:9-11). Na coroação inicial de Jesus já está incluída virtualmente Sua obra e coroação finais, da mesma maneira que em Sua exclamação na cruz “está consumado”, pode-se ler potencialmente a consumação de Sua obra final de redenção.

Dessa forma, o preço pago pela redenção, o sangue de Cristo, não é exclusivo ao ato inaugural que coroa a Cristo no Céu, mas diz respeito a todas as épocas (Heb. 1:6; cf. vers. 3; 2:9 e 10; Filip. 2:9-11; Apoc. 1:5 e 6). O sangue de Jesus foi, e será por toda a eternidade, o tema central do louvor e adoração de toda a criação (Heb. 13:20: o “sangue do concerto eterno”; Apoc. 7:14; 22:14, etc.). E é em e por Seu sangue que os remidos são julgados (Apoc. 5:9). Para que quando o original selado do livro da vida se abrir, os remidos já estejam limpos de to-

do pecado, razão pela qual a lei não os condena (Apoc. 6:16; cf. 7:14; I Tim. 1:9-11). Embora a identificação de Jesus com o Cordeiro, esteja às vezes associada com a Páscoa, aparece relacionada com Sua segunda vinda e o juízo no tempo do fim (Apoc. 6:16). Deve-se isto ao fato de que é justamente Seu sacrifício que O qualifica como digno de julgar o Seu povo e o mundo, e receber o poder para sempre (ver também Apoc. 7:10-12; 14:1 e 4; 19:7; 21:9 e 23; 22:3).

Há certas particularidades na própria cena do trono, revelada a João em Apocalipse 4 e 5, que apresentam um contexto bem definido de juízo.

Apesar dos fatos, há certas particularidades na própria cena do trono, revelada a João em Apocalipse 4 e 5, que apresentam um contexto bem definido de juízo, que não pode ser generalizado, nem estendido a todas as convocações do concílio celestial. Por exemplo, o momento em que o Cordeiro toma o livro selado, não pode referir-se ao ato inaugural e ao ato de vindicação final do dia de juízo ao mesmo tempo. Levando em consideração estes aspectos que às vezes confundem os autores, será conveniente pesar cuidadosamente as evidências que permitam delimitar o momento exato do qual se fala em Apocalipse 4 e 5, e sua relação com as outras visões do mesmo juízo.

Relação de textos de Apocalipse e Daniel

Talvez seja bom começar deixando claro que, apesar de o Antigo Testamento descrever muitas cenas de juízo, nenhuma apresenta o Filho do homem diante do Ancião de dias como em Dan. 7:13 e 14 e em Apocalipse 5 (cf. verso 7); ver também Mat. 10:32 e 33; Luc. 12:8 e 9; II Tim. 2:12; Apoc. 3:5. Em ambos os casos, o propósito do juízo é vindicar os santos, e o caráter do Pai e do Filho pela obra da redenção (Apoc. 5:9-14). Com esse fim, revelado em sombras, foram estabelecidos os ritos do Dia da Expiação. Como resultado do juízo, o Filho

do homem ou o Cordeiro, recebe poder e domínio, honra e louvor “pelos séculos dos séculos” (Dan. 7:14; Apoc. 5:12 e 13). Recepção semelhante têm os santos redimidos (Dan. 7:18 e 27; Apoc. 5:10; 20:4 e 6; 22:5). Cumprem-se assim as promessas de Jesus à sétima igreja, de sentarem-se os vencedores com Ele em Seu trono (Apoc. 3:21; cf. 2:26 e 27).

Ao passo que essas promessas são feitas por Jesus para depois de Sua entronização inicial (Apoc. 3:21; cf. Heb. 1), o recebimento de todo o domínio e poder do Filho em Apocalipse 4 e 5 refere-se especificamente às coisas “que depois destas devem acontecer” (Apoc. 4:1; cf. Heb. 1:13; 10:12 e 13). Em Daniel, esta posse do reino do Filho do homem é descrita de maneira superficial. Indica-se primeiro que são postos tronos e que o Ancião de dias Se assenta num deles, e, em seguida, é descrito o aparecimento do Filho do homem. Em Apocalipse 4, vêem-se os tronos dos anciãos já estabelecidos, e Deus sentado em Seu trono. Em seguida, faz-se referência, no capítulo seguinte, ao aparecimento do Cordeiro e ao início do juízo. O Cordeiro recebe o livro selado, que não deverá abrir antes dos capítulos 6 a 11. Por isso, não se salienta Sua justiça, como é feito mais tarde no mesmo livro, uma vez que Seus juízos são manifestos (Apoc. 15:3 e 4; 16:5-7; 19:1 e 2, etc.).

Em Apocalipse 1:19, diz-se em relação com a primeira visão: “Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer”. A mensagem que João dirige às igrejas evoca a visão que teve do Filho do homem no lugar santo (Apoc. 1:10-18) e outras coisas que já haviam acontecido (Apoc. 2:2-4, etc.), situações presentes (Apoc. 2:14 e 15, etc.), e o juízo final (Apoc. 3:5, etc.). A visão do juízo, em Apocalipse 4 e 5, diz respeito mais especificamente “às coisas que *depois destas* devem acontecer”, isto é, ao juízo e suas eternas conseqüências. Com efeito, não se vê, em Apocalipse 4 e 5, o Filho do homem nem sentado nem Se assentando no trono, como em uma sessão (Heb. 1:3), mas *de pé*, o que revela que a cena apresentada é posterior à primeira, em que é apresentada como um fato já acontecido Sua entronização com o Pai em Seu trono, e O descreve entre os candelabros (Apoc. 1-3). Sendo que João é transportado a esses acontecimentos finais, é-lhe dito tanto no começo do livro como no fim, que o Apocalipse é dado especialmente

para revelar “as coisas que *brevemente* devem acontecer” (Apoc. 1:1; 22:6).

É verdade que aparecem algumas diferenças entre Daniel 7 e Apocalipse 5, mas essas diferenças não são contraditórias e, sim, complementares. É bom lembrar que os profetas não vêem tudo o que acontece no templo, mas só o que Deus quer destacar para revelar algo especial em determinada circunstância. Por exemplo, certos elementos complementares aparecem também entre Daniel 7 e Apocalipse 11:15-19; os quais, por sua vez, permitem observar uma dimensão maior desta obra de juízo.

Os profetas não vêem tudo o que acontece no templo, mas só o que Deus quer destacar para revelar algo especial.

Em outras palavras, se pelo fato de em Apocalipse 5 figurarem 24 anciãos — algo não especificado na visão de Daniel — e ser descrita a abertura de um livro apenas em lugar de vários — não somos autorizados a ligar a visão de Apocalipse 4 e 5 com a de Daniel 7, também não estamos autorizados a vincular a visão de Apoc. 11:15-19 com a de Daniel 7, pois também ali aparecem os 24 anciãos, e não é mencionada a abertura de nenhum livro. Ainda mais, especifica-se que é aberto o lugar santíssimo, que não se havia especificado em Daniel 7. E, se quisermos ir adiante com esse critério, deveríamos relacionar a visão de Daniel 7 exclusivamente com a visão milenial; porque é a única visão em Apocalipse que fala da abertura de vários livros. E isto, apesar de aparecerem muitos elementos estranhos à visão de Daniel 7.

Na visão de Daniel 7 e na da sétima trombeta de Apocalipse 11, o juízo ocorre após o período de grande tribulação dos 1.260 dias (Dan. 7:25; Apoc. 11:2, 3 e 7). Nesse contexto, a linguagem usada para o testemunho das duas testemunhas — o Antigo e o Novo Testamento — que personificam os seguidores de Jesus (cf. Deut. 30:14) durante a grande tribulação, e a visão do juízo em Apocalipse 4 e 5, é muito significativa. Durante o período dos 1.260 dias ou anos, o testemunho das duas testemunhas, que deve ser considerado no tribunal, acha-se vinculado com os dois candelabros no lugar santo (Apoc.

11:4). Ao terminarem, porém, aquele período, ouvem a voz de Jesus, que lhes diz: "Subi cá" (*anábate hóde* = Apoc. 11:12), e que tem que ver com a mensagem que o Filho de Deus dá ao Seu remanescente que tem o testemunho das duas testemunhas, e por meio de Seu remanescente em toda a Terra (Apoc. 14:6 e 7; cf. 6:16), relativa à obra final de juízo que o Filho do homem realiza no lugar santíssimo (Apoc. 11:15-19; cf. 14:6 e 7). Convite semelhante: "sobe cá" (*anába hóde* = Apoc. 4:1), recebeu João da mesma voz que com ele falava (cf. 1:12), em relação com as coisas que iriam acontecer no lugar santíssimo, no meio do trono rodeado de querubins (Apoc. 5:6), "depois" daqueles que viu no lugar

santo entre os candelabros (Apocalipse 1-3). É justamente aí que o grande *original* do livro do concerto ou da herança vai ser desenrolado (cf. Jer. 32:11), para autenticar o testemunho das duas testemunhas que os seguidores de Jesus deram, e que fora ultrajado pelo mundo (Apoc. 6:9; 12:17; cf. 1:2 e 9).

Nota da Redação: As referências bibliográficas deste artigo, se publicadas, ocupariam mais espaço do que o próprio artigo em si. Por essa razão, preferimos omiti-las, podendo franqueá-las aos que mostrarem interesse por conhecê-las.